



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

APODI, RN, 11 DE MARÇO DE 2002

Em primeiro lugar, quero saudar, muito efusivamente, muito carinhosamente, este povo do Rio Grande do Norte que está aqui, esses trabalhadores, essa gente boa, esses empreiteiros que trabalharam, enfim, aqueles que estão construindo esse novo Estado.

E, saudando o povo, não posso me esquecer, naturalmente, de saudar o Governador do Estado, nosso querido Garibaldi Alves, que foi tão generoso nas referências que fez a meu respeito; nosso Vice-Governador aqui presente; a presença do Ministro Ney Suassuna, que tem sido de um dinamismo enorme.

Quero saudar a presença do nosso Prefeito Pinheiro, aqui. E, ao saudá-lo, quero saudar todos os prefeitos e prefeitas. Recordo-me de que foi uma prefeita quem mais insistiu comigo para que fizesse essa obra.

Quero saudar, também, e muito carinhosamente, os nossos Senadores, porque fui Senador e muitos, aqui, fomos colegas.

Tenho uma certa alegria porque estou aqui, entre o Garibaldi, que foi companheiro meu durante muitos anos, no Senado, e o nosso Senador Fernando Bezerra, que não só foi meu líder como foi Ministro e ajudou nessa obra.

Quero saudar o Senador Geraldo Melo, que é meu líder.

Quero saudar o Senador José Agripino Maia, que também foi meu líder, Vice-líder do Senado.

Enfim, saúdo todos aqueles que estão aqui presentes, os Deputados, especialmente os da bancada do Rio Grande do Norte.

Quero lhes dizer, com toda sinceridade: o Governador disse – e disse bem – que se ele não tivesse feito mais nada, já isso seria o suficiente, para mostrar que ele cumpriu o dever. É verdade. O Governador Garibaldi Alves cumpriu o dever dele. Trabalhou, teve apoio da bancada, soube unir.

Sempre tive uma grande preocupação com o Nordeste. Se me permite o Governador copiá-lo um pouquinho, também tenho minha consciência tranquila. Nenhum Presidente fez mais pelo Nordeste, em matéria de obras hídricas do que o meu Governo. Nunca houve.

O que estamos assistindo, no Rio Grande do Norte, agora, é essa Barragem de Santa Cruz. A próxima barragem será, aqui, em Umari. Tudo isso que está sendo feito aqui tem continuidade.

Estou vindo, nesse momento, do Ceará. Lá, no Ceará, estamos terminando a Barragem do Castanhão. Esta aqui, é uma barragem de 600 milhões de metros cúbicos de água. Pois bem, a Barragem do Castanhão é de 6 bilhões de metros cúbicos. Está demorando mais tempo, naturalmente, mas estou empenhado para que ela seja terminada.

Lá em Pernambuco, fizemos a Barragem de Jucazinho. Fizemos uma barragem em Serra Talhada. Fizemos a Barragem de Acauã, que vai resolver a questão de Campina Grande, lá na Paraíba. Nós fizemos a Adutora do Oeste, em Pernambuco. Fizemos adutoras em Alagoas.

Fizemos algo que acho que vai marcar mais, no futuro, do que isso, porque criamos a Agência Nacional de Águas. E o nosso Presidente está aqui, que é o Doutor Jelson Kelman, para regularizar essa questão da água, no Brasil, de uma maneira participativa, para que a população das regiões participe do controle das bacias hídricas, para que elas sejam realmente aproveitadas, em benefício das pessoas.

Então, estamos, efetivamente – apenas citei algumas das obras mais importantes – transformando o panorama hídrico do Nordeste.

Disse bem o Ministro Ney Suassuna: “Não se combate a seca, convive-se com a seca”. E, para conviver com a seca é preciso fazer o que eu disse que estava acontecendo no Rio Grande do Norte: fazer com que as águas andem. Não adianta ter grandes barragens se não houver tubulação, encanamento, que leve para as cidades, se não for aproveitada a água na terra, irrigando a terra. Isso não é um trabalho simples, é um trabalho custoso. O Ministro Suassuna acabou de dizer que gastamos 4 bilhões de reais em obras de irrigação.

É custoso, leva tempo. Mas essa é a solução para conviver, efetivamente, de uma maneira produtiva, para uma região assolada pela seca como é o Nordeste.

De modo que acho que, hoje, está de parabéns o Rio Grande do Norte. Mas espero que possamos dizer, dentro de muito pouco tempo, que o Nordeste estará de parabéns porque, realmente, houve uma grande obra de transformação, em toda a questão hídrica.

Sei, os senhores e as senhoras sabem, melhor do que eu, que não basta a água. Nós temos o Projeto Alvorada – ele deve atingir as populações mais carentes, para dar educação, saúde, resolvendo as questões do atendimento básico; o Programa da Saúde da Família, com os agentes comunitários de saúde; o acesso à educação, com o Bolsa-Escola; o Bolsa-Alimentação; enfim, o PETI, que é para tirar crianças do trabalho penoso, a erradicação do trabalho infantil. É uma quantidade imensa de recursos que estão sendo canalizados para aqueles que mais precisam.

Hoje, de manhã, em Fortaleza, inaugurei a sessão anual do Banco Interamericano de Desenvolvimento, o BID. Era uma reunião internacional. Lá, eu disse – e vou repetir aqui – que o conjunto dessas ações sociais, além dos serviços que presta, tem um aspecto novo também: nós criamos uma verdadeira rede de proteção social para os mais carentes.

Neste ano, estamos distribuindo entre os mais carentes, em dinheiro, a quantia total de recursos que o Governo Federal arrecada através do Imposto de Renda da pessoa física e, das empresas, da pessoa jurídica. O conjunto não chega a 10 bilhões de dólares, a 23 bilhões de reais. Estamos distribuindo, neste ano, mais do que isso: cerca de 27 ou 28 bilhões de reais. Distribuindo quer dizer o seguinte: as pessoas das

famílias carentes, as mães, são cadastradas na Prefeitura, recebem o cartão da Bolsa-Escola, vão à agência da Caixa Econômica Federal ou vão aos Correios e cada uma recebe o dinheiro a que tem direito, independentemente da teia política. Não precisa de pistolão. É direito do cidadão.

Então, estamos mudando também o modo pelo qual se lida com a questão da pobreza. E, ao mudar o modo pelo qual se lida com a questão da pobreza, isso afeta diretamente o Nordeste, porque é aqui que está a maior concentração de pobreza no Brasil. É no interior do Nordeste onde encontramos a maior concentração de pobreza.

Por que o cartão é dado à mãe? Porque, na verdade, o número de chefes de famílias mulheres cresce muito no Brasil. E famílias que não têm o pai presente, não têm o marido presente são muito numerosas. Então, estamos dando à mulher, preferencialmente. Naturalmente, se for o caso de uma família onde a mulher não esteja mais viva ou não esteja presente, se passa para o filho, para a filha ou para o pai. Mas é uma mudança na concepção da política social, ao lado da universalização, ou seja, todo mundo ter acesso à escola, ter acesso à saúde. Concentração de recursos nos bolsões de pobreza e concentração de recursos sem exploração política: isso é o que estamos fazendo através desse conjunto de programas e do que chamei, aqui – porque era o nome – Projeto Alvorada.

Eu queria dizer também da minha alegria de estar aqui. É tanta, de estar aqui, por isso que citei, nominadamente, cada um dos meus antigos companheiros do Senado. Até tropecei no nome do Fernando. Desculpe-me. Por que isso foi possível fazer no Brasil? Porque estou governando há oito anos. Estou entrando no oitavo ano. Nunca discriminei ninguém, nem a oposição – muito menos os partidos que me cercam.

Temos que nos dar as mãos. Há momentos na História em que a rixa política não justifica não estarmos juntos pelo Brasil. E citei cada um desses aqui porque, infelizmente, hoje, não conto, formalmente, com o apoio dos partidos, de todos esses partidos. Mas tenho certeza de que, por amor ao Brasil, vou continuar com os projetos bons para o País, com o apoio de todos, porque o Brasil precisa – precisa – que, acima de

qualquer interesse pessoal ou partidário, entendamos o que é bom para o povo brasileiro.

Então, me deu, realmente, uma verdadeira alegria vê-los todos aqui, juntos, sabendo, naturalmente, que vamos entrar em uma época difícil, que é uma época de campanha, onde é natural que as pessoas expressem suas opiniões, convoquem o povo. Mas eu gostaria de terminar meu Governo como estamos hoje, aqui: cercado por todos aqueles que me ajudaram nesses anos todos e eu respeitando a oposição, esperando ter dela também o respeito que, se a pessoa não merece, a instituição da Presidência merece.

Isso é democracia. Isso é um novo Brasil que estamos construindo, que vai desde essa atenção específica aos mais pobres, que vai desde a capacidade de realizar – e mencionei a ANA, a Agência Nacional de Águas, mas, aqui, temos que fazer uma menção ao DNOCS, que nos ajudou e ajuda sempre na realização dessas obras. É a capacidade técnica, portanto, do Estado e é também a capacidade político-institucional de criar uma sociedade na qual haja as divergências, que são normais em uma democracia, mas o interesse do povo supera tudo.

Ao dizer isso, eu quero dizer também – e são palavras sinceras – que comecei a aprender a importância de as águas andarem e foi aqui. O Monsenhor Expedito estava presente. Ele me escreveu uma carta. E é verdade que Dom Antônio e Dom Eugênio estiveram comigo. Mas é verdade também que, por trás dessas pressões, houve sempre o dedo do Governador Garibaldi Alves.

Termino, portanto, reiterando meus agradecimentos e felicitando o povo do Rio Grande do Norte, que foi capaz de, em um período relativamente curto, abrir um espaço de esperança. E esperança molhada, com muita chuva.

Muito obrigado.